

(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 37, setembro 2018, Editorial]

Saúde do Trabalhador: um museu que pega fogo todos os dias

No dia 2 de setembro de 2018 ardeu em labaredas o Museu Nacional, no Rio de Janeiro. De tanto ver a banalização da violência, a apropriação criminosa da coisa pública, a corrupção justificada, a desumanização dos direitos humanos, a epidemia de ódio nas redes sociais e o olhar indiferente para a tragédia dos imigrantes e dos moradores de rua das nossas esquinas, parecia que o fogo destruidor do Museu Nacional seria mais uma breve notícia entre os cavaleiros do futebol de domingo. Mas, tudo indica que não. Tudo indica que as pessoas se entristeceram, consternaram-se, amarguraram-se, choraram ... e nem sabemos e nem saberemos quantos perderam seus sonhos nas labaredas implacáveis. Quantas vidas dedicadas ao museu, quantas obras, quantas criações humanas reduzidas a cinzas. E aí parece que todas as responsabilidades se diluem, falsamente irmanadas pela tristeza da perda. Parece e apenas parece porque as responsabilidades pela preservação da história, pelo respeito e difusão da cultura, pela prioridade na educação, pelo compromisso com as políticas públicas, pelas escolhas corretas no trato com o patrimônio ficam diluídas e hipocritamente camufladas. Os que defendem o Estado mínimo deveriam se orgulhar do incêndio, pois sem Estado e sem investimento na coisa pública tudo pega fogo, como desejam. Mas eles mesmos, arautos do neoliberalismo, misturam-se às vozes entristecidas pelo incêndio. Confundimo-nos todos. Porque, por exemplo, o museu que queima entristece a bancada do agronegócio se o que ela mais faz é devastar com fogo o meio ambiente? Será que é porque sobre os escombros do museu não pastará o boi nem soja se plantará? Porque se entristece a bancada da bala? Será porque lá não havia bandidos entocados e o fogo não começou com tiro de fuzil? A rigor, ainda nem se sabe. Porque se entristece a bancada fundamentalista da bíblia? Será porque lá não era um museu contador da história das religiões afrodescendentes, das milhares de mulheres mortas pelo aborto proibido, da luta pelo direito de ser homoafetivo? Porque se entristece o parlamento brasileiro das últimas décadas? Será porque o investimento gasto no museu se de nada adiantou poderia ter engrossado o recurso do toma-lá-dá-cá? No livro *Uma Ponte ao Mundo - cartografias existenciais da pessoa com deficiência e o trabalho* [www.multiplicadoresdevisat.com], o primeiro capítulo diz que pessoas são museus.

E, claro, se são as pessoas trabalhadoras que constroem as coisas do mundo, os trabalhadores são museus humanos que constroem as coisas do mundo. Leia um trecho... *“Pessoas são museus. [...] Segundo o Conselho Internacional dos Museus, um museu é “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade” (ICOM, 2001). Pessoas com suas características existenciais singulares são acervos de cartas e mapas acumulados que traduzem as coisas do mundo – suas carícias e suas ofensas – as suas marcas. Pessoas são museus humanos das marcas do mundo. [...] Pessoas são uma instituição permanente que, ao passarem pelo mundo, doam seus acervos pessoais aos outros museus humanos - amores, filhos, amigos, inimigos, companheiros, vizinhos, transeuntes - que lhes sucedem, para fazerem jus ao que receberam dos que lhes antecederam. ... Pessoas são instituições sem fins lucrativos, apesar do Capital e do Mercado. Capital e Mercado não são Pessoas. As Pessoas os criam e são as Pessoas que podem destruí-los. Pessoas são meras unidades de troca - de dar e de receber -. ... Pessoas estão a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Pessoas são as células do corpo social e só há desenvolvimento social com o desenvolvimento celular dos corpos sociais articulados das Pessoas. ... Pessoas estão abertas ao público, mas ... para visitá-las é preciso o cuidado na forma de chegar, olhar, manusear, compreender. Suas cartografias existenciais muitas vezes guardam mapas desbotados, cartas rasgadas, teias de aranha, um pouco de mofo, pedaços dobrados, rasuras, descuidos, manchas... Amor, ternura, tolerância, alteridade são senhas de chegada para a visita. ... Pessoas adquirem, conservam, investigam, difundem e expõem os testemunhos materiais do homem e de seu entorno. Há em cada museu humano um pouco de cada um ... em Si que compõe, compõe e continuará compondo a sinfonia da vida. A sinfonia em Si da vida que serve de trilha sonora da visita ao museu humano não seria música se não tivesse todas as notas musicais dó, ré, mi, fá sol, lá, mesmo sendo composta em Si - maior ou menor - não importa.”*

Os trabalhadores são os museus do mundo que ardem no fogo implacável do acidente, do adoecimento e da morte no trabalho todos os dias. Enquanto você lê este editorial milhares (milhões) de trabalhadores-museus estão perdendo sua saúde e sua vida, queimando e virando cinza e a gente achando que devia ter sido feito alguma coisa, mas agora, pelos que já se foram, é tarde demais. Esse fogo que arde em todos nós pela saúde do trabalhador todos os dias só tem um sentido: que ele inflame a nossa capacidade de lutar contra o trabalho infame.

**Fórum Intersindical:
apague o incêndio dos
museus humanos no cotidiano do trabalho**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.